

Concurso
Literário
Ubatuba 2017

ANTOLOGIA
Poesia - e onto - Teatro - Crônica





ANTOLOGIA

Poesia, conto, texto de teatro e crônica

**30° CONCURSO DE POESIA
“IDALINA GRAÇA”**

**29° CONCURSO DE POESIA ESTUDANTIL
“IDALINA GRAÇA”**

**24° CONCURSO DE CONTOS
“WASHINGTON DE OLIVEIRA”**

**16° CONCURSO DE TEXTO DE TEATRO
“TIA HELÔ”**

**3° CONCURSO DE CRÔNICA
“PROFº JOSÉ RONALDO DOS SANTOS”**

2017

ANTOLOGIA

Poesia, conto, texto de teatro e crônica

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBATUBA

Délcio José Sato - Prefeito

FUNDART – FUNDAÇÃO DE ARTE E CULTURA DE UBATUBA

Pedro Paulo Teixeira Pinto – Diretor Presidente

Camila Marujo – Diretora Cultural

Fernanda Ramiro – Diretora Administrativa

Thatyana Luna – Assessora Jurídica

CONSELHO DELIBERATIVO DA FUNDART

Literatura

Coordenador: João Batista Antunes

Artesanato

Coordenadora: Alejandra Carolina Labarca Puelles

Fotografia, Cinema e Vídeo

Coordenador: Wiliam da Silva Costa

Artes Plásticas e Visuais

Coordenador: Ronaldo Lopes

Artes Cênicas, Circo e Dança

Coordenadora: Fatima de Oliveira Alves de Abreu

Folclore, Cultura Tradicional e Popular

Coordenadora: Ivanilda de Oliveira

Música

Coordenador: Luiz Gustavo dos Santos

História e Geografia

Coordenador: Flavio Menezes de Souza Pereira

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO

Prof.^a Lourdes Moreira

Prof.^a Luciana Aparecida de Mesquita

Prof.^a Iracema Portela de Oliveira Magion

EXPEDIENTE

Montagem: Camila Marujo e Cristiano dos Santos Fernandes

Revisão: Jorge Ivam Ferreira

Capa: Paulo Zumbi

APOIO CULTURAL

Livraria Nobel Ubatuba

ANTOLOGIA
Poesia, conto, texto de teatro e crônica

SUMÁRIO

30º CONCURSO DE POESIA “IDALINA GRAÇA”

Sex(t)o sentido----- 08
Ana Camila Santos de Campos Pini

Poema de amor----- 10
André Telucazu Kondo

Velha infância ----- 12
Maria Isabel de Souza

29º CONCURSO DE POESIA ESTUDANTIL “IDALINA GRAÇA” - 1º ao 5º Ano

Sonho de uma brasileira-----14
Emília de Souza Santos

Meu avô é demais-----15
Julya Rosa Fernandes de Cristo

Noite na cidade -----16
Maisa da Silva Richieri

29º CONCURSO DE POESIA ESTUDANTIL “IDALINA GRAÇA” – 6º ao 9º Ano

Quilombo da Fazenda-----18
Laura Gabriele Faustino de Almeida

Cigarra ----- 19
Diogo de Andrade Nascimento

Canoa caiçara ----- 20
Lucas Alexandre dos Santos

29º CONCURSO DE POESIA ESTUDANTIL “IDALINA GRAÇA” – Ensino Médio

Para ela----- 22
Thaylana Novaes dos Santos

Em busca----- 23
Isabela Moreira Takano

Escolhas -----	24
Jessica Argolo dos Santos	
26º CONCURSO DE CONTOS “WASHINGTON DE OLIVEIRA”	
A medalha -----	26
Mércia Elizabete Gama Santos	
Na gruta que chora -----	29
Denise Antunes do Amaral	
Um homem contemporâneo muito estranho -----	32
Thaylana Novaes dos Santos	
16º CONCURSO DE TEXTO DE TEATRO “TIA HELÔ”	
A sereia serena -----	38
Denise Antunes do Amaral	
Um amor de passarinho -----	45
Uirá de Freitas Alves	
3º CONCURSO DE CRÔNICAS “PROFº JOSÉ RONALDO DOS SANTOS”	
Vestido -----	60
Fatima Aparecida Carlos de Souza Barbosa dos Santos	
Festejo na cadeia -----	61
Waldir Capucci	
Uma crônica de Natal -----	63
Valquiria Sperandeo	

ANTOLOGIA

Poesia, conto, texto de teatro e crônica

Certa vez, o romancista e ensaísta francês André Maurois disse que “a leitura de um bom livro é um diálogo incessante: o livro fala e a alma responde”. Da mesma forma que ler exprime um prazer enorme, que permite desfrutar de universos ocultos e imaginários – uma viagem particular, a arte do escrever se torna ainda mais jubilosa. Tocar corações, gerar empatia, proporcionar a reflexão e/ou descobertas ao leitor - tudo isso exige dedicação, dom e também, sincera paixão.

Por meio de poesias, contos ou roteiros de teatro, O Concurso Literário de Ubatuba traz toda essa essência, como uma oportunidade para dar voz aos artistas, muitas vezes anônimos e engolidos pelo cotidiano, que têm a chance de apresentar seus pensamentos e convicções por meio da palavra escrita. Trata-se da valorização do intelecto, do hábito da leitura como ferramenta de luta, representatividade e sonho, bem como reconhecimento; trata-se de oferecer meios de empoderamento e de dar voz ao que, muitas vezes não, é ouvido.

Sabemos da importância do incentivo ao hábito da leitura, principalmente, quando se trata de nossas crianças, e destacamos a importância de desenvolver e inspirar essa habilidade na sociedade para que a análise de mundo e a percepção das coisas seja cada vez mais aguçada.

O concurso literário apresenta uma proposta de divulgação de trabalhos de autores das mais diversas idades sobre os temas que os inspiram, e muito nos orgulha poder dar continuidade a essa proposta tão rica para Ubatuba, que é expressa por meio dessa coletânea: Antologia 2017.

Agradecemos sinceramente a todos que se esforçaram para que essa obra fosse publicada e desejamos que todos possam ter uma excelente leitura

Délcio José Sato
Prefeito Municipal de Ubatuba

ANTOLOGIA

Poesia, conto, texto de teatro e crônica

Diz Rubem Alves: “Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir. Escutar é complicado e sutil. Parafraçando o Alberto Caeiro: “Não é bastante ter ouvidos para ouvir o que é dito. É preciso também que haja silêncio dentro da alma.”.

Entendo que o mesmo pode ser aplicado à leitura de escrita (literária), quando o silêncio, e particularmente, o silêncio da alma, devem ser imprescindíveis para a completa captação da mensagem que o escritor nos entrega.

O Concurso Literário Ubatuba 2017, que engloba o XXVIII Concurso de Poesia Estudantil “Idalina Graça”; XXIV Concurso de Poesia “Idalina Graça”; XXIII Concurso de Conto “Washington de Oliveira”; XV Concurso de Texto de Teatro “Tia Helô” e o II Concurso de Crônica “Professor José Ronaldo”, é oferta valiosa a escritores locais e regionais, iniciantes e iniciados, a expressarem seus talentos.

É uma oportunidade rica que pode ser usufruída por todos, e por isso a FUNDART estende suas congratulações àqueles que asseguram a sua realização, desde a Prefeitura Municipal, passando pelos servidores desta Fundação, professores componentes do júri e revisão dos textos, e claro, dos escritores, razão maior de nosso concurso.

Pedro Paulo Teixeira Leite
Diretor Presidente da Fundart

ANTOLOGIA

Poesia, conto, texto de teatro e crônica

POESIA

SEX(T)O SENTIDO
1ºLugar
Ana Camila Santos de Campos Pini

Um olhar profundo
Que tanto diz, sem falar
Me perco no mundo
Sem sequer sair do lugar

A rouquidão da sua voz
Enquanto a boca encosta
em meu ouvido
Seus lábios, minha libido
Desatam os nós
Afrouxam meu vestido
Sem perceber
Estou, de repente,
Despida
atrevida
Sem medo
Sem pudor
Sem máscara
Sem segredo

Nua
Crua
Sua

Um cigarro
Uma cerveja
Sobremesa
Sobre a mesa

O paladar
Quero provar!
Como gosto
Do seu gosto

Me conhece
Me convence
Me conduz

A locais inexplorados
Sensações inusitadas

Me sinto incapaz
De resistir

Seu cheiro no ar
Misturado com o suor
Seu toque – leve sufocar:
Faz parar minha respiração

Tudo o que posso fazer
É me entregar
É me render
Dos meus cinco sentidos,
O sexto é você

Lótus

POEMA DE AMOR
2º Lugar
André Telucazo Kondo

Tranco o poema
No peito,
Aprisiono o sentimento,
Os dedos em gaiola
Agarrando o pescoço do vento,
Balanço o tronco do verbo
E de seus galhos caem palavras de dor,
Exijo o amor!

Bruto, pedra atirada sem direção,
Caio no colo de alguma mãe,
Que embala a rocha,
Tirando a mineralidade de meu tormento,
Que afaga este morto em seu regaço,
Que deita este corpo inerte em algum regato,
Em fé e comunhão
Batismal.

As correntes são outras,
De águas-lágrimas das montanhas,
Onde a saudade tem um pé de jabuticaba
De mil olhos que velam infância,
E o coração embrutecido
Sorve desta polpa
A maciez atávica
De um tempo em que o amor dava em árvores.

Abro o poema
No mesmo peito,
Liberto o sentimento,
Os dedos em nuvem
Afangando o pescoço da brisa,
Abraço o tronco do verbo,
E de seus galhos caem palavras de amor.
Suplico a dor — para curá-la.

Todo grito morre no silêncio,
Toda luz nasce da escuridão,
O ódio é o esquecimento do amor,
Amar é se lembrar
De todo grito, silêncio, luz e escuridão,

É receber no ventre todos eles
Para parir um poema
— Mesmo que de dor e solidão.

Jair Campos

VELHA INFÂNCIA
3º Lugar
Maria Isabel de Souza

Saudades dos meus fantasmas!
Saudade de pai, mãe e casa,
saudade da criança, ciranda...
brincar de asas.

Da fumaça matineira que a
casa da avó esfumaçava, da vida
simples que “nóis” ali levava.
A ameixa do quintal que “nóis”
chupava de fazer xixi nas calças
de tanto dar risada.

Que saudade de não ter saudade de nada!
Que vontade de ter de novo esses fantasmas!
Quando criança nem me importava com a
noite, a sua chegada, só pensava em dormir
bem de pressa, porque logo o dia raiava.

Do sertanejo, logo cedo o rádio tocava,
e o café fresco que meu pai preparava!
Daí então o dia começava, depois da escola
a gente brincava, e quando a noite chegava
“nóis” nem se importava.

E num domingo à toa, passear a beira-mar com
meu avô na proa da canoa, isso que era vida boa!
E ali, agente sonhava, deitava, dormia e roncava...

E logo a noite chegava.
Que saudade do meu fantasma!

Flor de Japecanga

ANTOLOGIA

Poesia, conto, texto de teatro e crônica

POESIA ESTUDANTIL

1° Ao 5° ANO

SONHO DE UMA BRASILEIRA

1º Lugar

Emília de Souza Santos

Sei que meu país ainda está em construção,
Sei que muita gente sofreu,
Principalmente no tempo da escravidão,
Sei que ainda falta justiça social,
Mas eu sonho com o Brasil ideal,
Sem corrupção, sem sofrimentos,
Sem agressões e sem preconceitos.
Eu queria viver em um país feliz
Como viviam antes de Cabral
Os índios guaranis.

Mi

MEU AVÔ É DEMAIS
2º Lugar
Julya Rosa Fernandes de Cristo

Meu avô tem
Um problema na vista,
Mas roça muito bem,
Como ninguém.

Toca uma dança caiçara,
Congada de bastões
No dia de São João
Que tem muitos balões.

Sua comida preferida
É azul-marinho
Eu amo meu avô
Com muito carinho.

Juju

NOITE NA CIDADE
3º Lugar
Maisa da Silva Richieri

No alto do arranha-céu
Pode-se ver o negro véu:
A noite escura,
Mas com muita doçura.

A abóbada celeste
Onde o vento ruma ao leste.
Nas ruas da cidade,
Pessoas de várias idades.

As estrelas estão
E não são em vão,
São para ajudar
Com a lua clarear.

E por falar em lua
Está sempre nua,
Gordinha ou magrinha
É uma ternurinha.

M. S. R.

ANTOLOGIA

Poesia, conto, texto de teatro e crônica

POESIA ESTUDANTIL

6º ao 9º ANO

QUILOMBO DA FAZENDA
1º Lugar
Laura Gabriele Faustino de Almeida

No balanço das saias, o som do tambor.
No cabelo, uma flor, na dança do jongo,
A história de um povo sofredor.
Do coração da bananeira vem a salada quilombola,
Na roda de conversa, o seu Zé, uma verdadeira escola,
Ensinando o que passou de geração em geração,
Fazendo valer a verdadeira tradição.
Leopoldo Braga, homem valente,
Que cuidava de muita gente.
No quilombo, dona Laura na cozinha,
Avistando a casa de farinha, preparando,
O azul marinho, dando continuação
À nossa verdadeira tradição
Na roda d'água, vemos seu lindo movimento,
Preparando a farinha de mandioca para o nosso sustento.
A roda de conversa dos mais antigos
Unia os moradores e fazia amigos,
Os versos que eles trovavam cada dia,
Mais bonitos ficavam.
Contavam a história de um povo sofrido,
Mas era feliz porque era unido.
Antes da Rio-Santos, por dentro da mata caminhávamos,
Era maravilhoso o som da bicharada.
Essa é a história da minha comunidade amada.

Nega

CIGARRA
2º Lugar
Diogo de Andrade Nascimento

A primavera terminando
Seu cantar anunciando
Que a estação quente está chegando
Canto, canto anunciando, canto até rachar
Já cumpri minha missão
Anunciei que ele chegou
Na serra, na várzea, na praia e no sertão.
É o momento da chuva, tempo quente
Época de plantar mandioca, cará e feijão.
Anunciei a alegria pra muita gente
Chuva, água, planta verde, muita satisfação.
Assim é minha vida, cumpri a missão
Cantar, cantar e morrer
Deixando saudades e recordação
Lavrador, pra você fica esta lição.

Didi

CANOA CAIÇARA
3º Lugar
Lucas Alexandre dos Santos

Na imensidão
Das águas agitadas,
Vai a nossa condução
Conduzida pelas remadas,
Feita de um pau só,
Canela, figueira ou ingá,
Seu remo de um avermelhado guacá.
Nos tempos passados,
Não tinha estrada nem caminhão,
A canoa de um pau só
Era nossa condução,
Tradição que não podemos perder.
Caiçara! Vamos guardar em nosso coração.

Pescador

ANTOLOGIA

Poesia, conto, texto de teatro e crônica

POESIA ESTUDANTIL **Ensino Médio**

PARA ELA
1º Lugar
Thaylana Novaes dos Santos

A música remete a memória
E repete, repete
A saudade me sufoca
Se transforma na minha essência
Pela falta de abraços
Curadores do cansaço

Corre! Volta! Vem!
Antes que eu perca o resto do ar
E só expire saudade e vontade
Com desejos intensos que são só desejos
Sempre mais distantes
Da realidade

Corre! Volta! Vem!
Abre a porta, Juliana!
Corra, rua afora
Tentando me encontrar
Numa esquina, num bar
Me encontra, me salva

Me encontra, Juliana!
E se perde em mim
Ao som da velha música
Que ecoa você
Não me deixe ser só um fantasma numa fotografia
Podemos ser muito mais que isso.

Lua Menezes

EM BUSCA
2º Lugar
Isabela Moreira Takano

Ando em busca
de igualdade e liberdade,
de paz e justiça,
de respeito aos direitos,
de um futuro melhor,
de liberdade de expressão,
de meu lugar, mulher,
do fim da violência,
da razão e do saber,
da plena existência,
da vida sem medos,
de um país sem corrupção,
de um mundo sem sujeira debaixo do tapete,
de um mundo em que se possa viver
E AMAR SEM TEMER.

Bella

ESCOLHAS
3º Lugar
Jessica Argolo dos Santos

Já fez sua escolha hoje?
Escolheu ser feliz com vontade
Ou ficou indignado com a sinceridade?

Escolheu a realidade ou a qualidade?
A sinceridade ou a falsidade?
A paixão ou o amor?
O miado do gato ou o latido do cachorro?

Então, já fez sua escolha?
Não precisa ser para agora
Só precisa escolher
entre ir ou ficar
pensar ou falar
imaginar ou...
imaginar!

Só faça a sua escolha
uma escolha de verdade,
Pois arrependimento é complicado
O amor está ficando atordoado
E a sua escolha?
Se encontra no obscuro?
Presente em seu futuro
Ou armazenada no passado?

Jeeh

ANTOLOGIA

Poesia, conto, texto de teatro e crônica

CONTO

A MEDALHA
1º Lugar
Mércia Elizabete Gama Santos

Aquele término de missa foi para não esquecer, gente que não acabava mais na pequena Igreja da Imaculada. Aos poucos o povo ia saindo e eu aguardava minha amiga Lourdes, pois fazíamos a caminhada para nossas casas juntas, éramos vizinhas e gostávamos de ir conversando.

Lourdes é uma pessoa muito dedicada, ministra de Eucaristia, tem suas responsabilidades com a igreja e a comunidade e quanto a esta dedica tempo direcionado e assumido com o pároco, levar a comunhão para as pessoas enfermas.

Sáímos e fomos a passos lentos conversando quando ela contou um fato interessante, triste e cômico ao mesmo tempo, que aconteceu na semana anterior, quando do seu trabalho com seus doentes. Diminuímos mais ainda os passos, pois é detalhista na colocação e eu não queria perder esta história na sua integridade.

Dizia-me que numa de suas visitas a um doente chamado Sr. Chico que estava nas últimas, por ser muito pobre e sua esposa dona Conceição pediu que arrumasse uma roupa melhor para colocar em seu marido caso viesse a falecer, o que era óbvio devido o estado dele, pois ela não tinha nada que o deixasse mais atraente, dizia ela.

-Atraente, Lourdes, é pra rir e depois de morto!

-Pra você ver, o coitado nunca tinha colocado uma roupa bonita e ela queria pelo menos depois de morto dar uma alegria para ele.

-E o que você fez?

-Disse para ela que ficasse despreocupada que daria um jeito, iria ver se tinha em casa, pois meu marido perdeu muitas roupas e quem sabe tenha um terno... e ela ainda completou com a maior simplicidade: “camisa, gravata e até cueca dona Lourdes!”

-Não acredito, tudo isto?

-Pra você ver a simplicidade das pessoas ou então a esperteza.

-E daí Lourdes, o que você fez?

-Bem, voltei para casa, fiz minhas obrigações de dona de casa e neste dia tudo correu normal. No dia seguinte, fui, como de costume, lecionar e no final da tarde recebo um telefonema, era dona Conceição.

-Dona Lourdes, o Chico morreu! Disse ela chorando.

-Calma, dona Conceição, ele estava sofrendo muito! Como foi?

-Dona Lourdes, que nem um passarinho, morreu de mansinho, coitado!

-Já era de se esperar, a senhora lembra as palavras do médico da última vez que esteve aí?

-Lembro sim, mas, dona Lourdes, a senhora lembra também que prometeu pro meu velho umas peças de roupas para enterrar ele?

-Claro que lembro e já procurei ver. Acho que vou poder arrumar para a senhora, faça o que tem que fazer e à tarde eu vou levar para a senhora.

Foi o que fiz. Fui ao guarda-roupa e separei o que eu achava que dava no seu Chico e nisto toca o telefone, era meu esposo. Berto me avisava que iria chegar mais tarde. Aproveitei o momento e comentei com ele o fato e ele achou esquisito por ser o terno do casamento. E argumentei o fato de o porquê guardar se não usaria mais e também não servia e outra, coisa a camisa, a gravata e também roupa íntima...

-Até isto, Lourdes? Você não acha que está exagerando?

-Pode ficar sossegado que são roupas que você não usa mais e tenho certeza de que o morto vai ficar feliz. E diante destes argumentos só colocou que à noite estaria em casa.

Arrumei tudo como planejara e coloquei numa sacola. Quando tocou a campainha, era minha amiga Neusa, convidei-a para entrar e falei que ia precisar dela, do carro e expliquei o porquê.

Levei a roupa, entreguei para Dona Conceição, que logo foi colocar no seu esposo, e logo tudo estava conforme seu desejo, seu Chico todo arrumado, como manda o figurino, terno, camisa, gravata. Parecia com sorriso de satisfação.

-Dona Conceição, já está tudo em ordem. E eu vou para casa e qualquer coisa que precisar, pode me ligar.

-Obrigada, Dona Lourdes, a senhora é um anjo. Veja como ele ficou com ar de felicidade, olha que eu não via o Chico tão bem vestido e bonito. Coitado pelo menos depois de morto!

-Está bem, Dona Conceição. Vou indo, se precisar é só ligar.

Quando cheguei em casa, tinha recado para mim.

-“Mãe, o pai ligou. É para a Senhora ligar para ele assim que chegar”.

Foi o que fiz, liguei e do outro lado ele falou:

-Lourdes, você já levou o terno?

-Claro, já está até no defunto! Por quê?

-Você vasculhou os bolsos?

-Não, tinha alguma coisa guardada neles?

-No bolso interno do paletó, tinha minha medalha de ouro que ganhei quando fiz quinze anos na firma.

-Berto do céu! Por que você não me avisou antes?

-Eu também esqueci, veja o que você pode fazer.

-Agora é que são elas! Como é que eu vou tirar do morto? Acho sem graça e tenho vergonha.

-A medalha é de ouro, tente resolver.

Comentei o sucedido com minha amiga Neusa, ela riu e me perguntou o que eu iria fazer para pegar a medalha de volta. A resposta foi simples: Não sei ainda, vou pensar. E me prometeu também pensar numa solução para o dia seguinte, pois o enterro iria até o início da tarde.

À noite, fui rezar conforme prometera e olhava para o caixão com vontade de abrir o paletó e tirar a medalha, mas não tive coragem: o defunto

parecia feliz da vida com ela no peito. Um pódio no além era só o que faltava! O que um defunto iria fazer com uma medalha de ouro?

Em casa novamente. Meu marido chegou e perguntou pela medalha e eu prometi que no dia seguinte iria resolver “se possível”.

No dia seguinte, no velório, teve de tudo, choro, café, conversa “jogada fora” e eu com meu problema.

A hora do enterro estava se aproximando e eu achava chato pedir a Dona Conceição, que chorava em cima de seu marido. Os filhos, netos a acompanhavam. A Neusa, minha amiga, deu a sugestão que, se eu quisesse, ela choraria em cima dele, assim tentava pegar a medalha.

-Nem pensar, o que diria a Dona Conceição, e os filhos? “Ela nem te conhece, pensaria que você era amante do velho!”

-Credo, Lourdes, nem tanto!

Nisto, chega à funerária e acabou o tempo, fecharam o caixão e parecia ver o seu Chico dizendo adeus com ar de vitória por ter conseguido na vida, digo na morte, uma medalha de ouro! Olhei para Neusa e a convidei para ir embora. E eu não podia fazer mais nada.

Cheguei em casa pensando numa maneira de consolar o Berto pela perda da sua única medalha de ouro.

No final da tarde, ele chegou, me olhou e concluiu:

-Você não conseguiu pegar a medalha?

-Infelizmente não deu, sinto muito.

- Bem, não vou chorar por causa de uma medalha, ela era só de ouro!

-Você não vai me cobrar à vida inteira? Se você visse, parece que o morto estava feliz!

-Só pode estar: depois de morto conseguir uma medalha sem fazer esforço, pelo que saiba ele não era muito chegado a trabalhar!

Precisava pensar rápido numa resposta que aliviasse o momento.

- Berto, tenho uma solução, a medalha está perdida mesmo e ela não vai nos deixar nem mais pobre e nem mais rico, o negócio é você batalhar e trabalhar mais quinze anos e acho que falta pouco... e conquistar outra!

-Sabe, Lourdes? Você é um gênio!

Acho que ela se saiu bem com estes argumentos, e segundo ela, ele nem comenta mais o acontecido.

Quando demos conta, estávamos diante de nossas casas, rimos um bocado desta situação apesar de ser meio triste.

Entramos cada uma para sua casa, pois já era noite e no dia seguinte, acordar cedo e trabalhar... conquistar quem sabe nossas medalhas... e vivas!

Mercia Gama

NA GRUTA QUE CHORA

2º Lugar

Denise Antunes do Amaral

Letícia estava com 16 anos e já se achava muito adulta. E era uma meia verdade. Ela ajudara a criar Pedro, de cinco anos, desde que a mãe foi embora com outro homem. Uma vida muito sofrida, pois teve de largar os estudos para cuidar da casa, mas isso não fez dela uma adulta muito ajuizada. Era cuidadosa com o lar, levava o irmão para a escola, e depois saía pela praia em grandes caminhadas rebolando as ancas para chamar a atenção de quem quisesse mexer com ela.

Moravam numa casa antiga perto da praia Domingas Dias. A passarela de Letícia era a praia do Lázaro, de ponta a ponta, e o seu rebolado era conhecido na região. Apenas o pai não o conhecia, pois perto deste a jovem continha seus quadris com medo de reprimendas. Seu Chico Meneses era homem religioso e rigoroso com questões de moral. Letícia temia ao pai, porém tinha no sangue a mesma réstia quilombola da mãe: sangue de guerreira, de quem luta por sua liberdade.

Desde os 14 anos, tinha ela um romance com o Toninho, moço de Campinas, cujos pais tinham casa no Saco da Ribeira. Encontrava-se com o rapaz de 20 anos sempre que este vinha, no fim do ano, passar o Natal e o resto do veraneio na praia, passeando de jet-ski com os amigos. Mas o pai nunca desconfiava, pois Letícia tinha um ótimo álibi: Fabrícia, sua amiga, que tinha uma irmã chamada Roberta, de seis anos, com quem Pedro gostava de brincar.

A desculpa era essa:

- Pai, vou levar o Pedro para brincar com a Roberta!

E Fabrícia, que tinha a mãe mais doce que uma paçoca, pedia:

- Mãezinha, cuida do Pedro para a Letícia e eu dar-mos um mergulho lá no fundo...

E ficava a mãe da Fabrícia com o Pedro e a Roberta, enquanto as duas espevitadas saíam pela praia, soltas, para se divertir como bem entendessem.

Mas naquele ano em que Letícia completou seus 16 anos, o Toninho trouxe um amigo novo, moço moreno, alto e muito mais atlético que ele. Chamavam-no de Rambo, devido à semelhança com o personagem do famoso filme. E, se o rapaz causou grande euforia em Letícia, também ela despertou seu interesse. Mas como Toninho a apresentou como sua “namorada de Ubatuba”, a coisa ficou velada, restrita apenas aos olhares, até a virada de ano, quando os quatro vararam juntos a noite, bebendo na praia da Sununga, em frente a Gruta que Chora.

Toninho lá pelas tantas dormiu na areia, abraçado com uma garrafa de vodca. Fabrícia, que tinha feito de tudo para ficar com Rambo até aquele momento, desistiu, pois percebeu que a beleza da amiga mais uma vez a

passara para traz, e foi tomar um banho de mar para refrescar as ideias. De modo que Letícia e o rapaz ficaram um tempo sentados na areia, se olhando.

- Eu gosto de ti. – disse-lhe ele, chegando mais perto.

Letícia gostava daquele modo catarinense de falar. Ele era de Passo de Torres, e isso era tudo que sabia sobre o Rambo.

- Você é o cara mais bonito que eu já vi, Rambo. – ouviu-se dizer, surpreendendo-se com suas próprias palavras. Isso também era uma das únicas coisas que poderia dizer sobre ele.

- Que é que tem na gruta? Por que tem esse nome? – indagou ele, chegando ainda mais perto.

- Uma mulher que virou um monstro porque mataram o namorado dela. Quando a gente fala dentro da gruta, ela chora, quer dizer, pinga água do teto...

- E tu podes me mostrar? Eu quero ver...

Ele pegou-lhe a mão, acariciou, e sorriu para ela. Letícia também sorriu enquanto se levantavam e caminhavam para dentro da gruta. Entre as ondas, Fabrícia maldizia a sorte que a fizera tão feia e magricela, enquanto a amiga era linda e arrasava corações. Alheio a tudo, Toninho dormia o sono dos tolos.

Quando o céu começava a ficar alaranjado, Letícia e Rambo saíram da gruta em fila indiana, cansados e chapiscados de areia. Toninho continuava jogado na areia. Fabrícia tinha lhe tomado a vodca e bebido um restinho, com o qual se embebedou também e agora jazia estirada ao seu lado, a garrafa entre os dois. Letícia sentiu dor na consciência ao vê-los, os dois amores que tinha traído naquela noite.

- Amanhã volto para minha cidade. – disse Rambo, tomando-lhe a mão outra vez – Foge comigo, Letícia! Nunca vi uma guria tão linda como a ti em toda minha vida...

Beijaram-se longamente.

- Quando... – balbuciou Letícia, se afastando um pouco, atordoada.

- Amanhã, de madrugada. Encontre-me aqui com a sua mala pronta.

Letícia assentiu ainda confusa. Depois olhou novamente para sua amiga e seu namorado estendidos na areia e falou como para si mesma:

- O que vamos fazer com eles?

- Eles acordam com um banho de mar...

Rambo pegou primeiro o Toninho no colo, como se pega uma criança, e levou para o mar. Depois do primeiro caldo, o rapaz acordou, vomitou e foi depositado na areia. Foi a vez de Fabrícia, que pelo menos não vomitou. Acordados os bêbados, o quarteto se separou. Letícia foi amparando a amiga em silêncio até a casa da mãe dela, que estava na porta, aflita, com medo que descobrissem que ela acobertara a farra das meninas.

Foi um curto sermão, pois não havia muito tempo, o dia já clareava. As duas foram para o quarto de Fabrícia, fingir que estavam acordando quando as crianças despertavam alegres comentando sobre os fogos da

virada do ano. Pedro tinha acendido um rojão com a ajuda do pai de Roberta e comentava isso em altos berros.

Antes de ir embora Letícia confidenciou à amiga:

- Ele quer fugir comigo. Acha que eu devo?

- Acho. Quero que vá para o inferno! Assim talvez eu consiga um namorado...

- Desculpa... – Letícia se sentiu terrível, mas tinha que prosseguir, não havia como poupar a amiga. – Posso dormir aqui mais essa noite? Vai ser mais fácil.

Fabrícia assentiu, dando de ombros.

- Se o seu pai deixar...

O pai deixou, é claro, e a mãe de Roberta também, que nunca negava a um pedido “do Pedro”.

Então, altas horas da noite, Letícia começou a juntar o que trouxera para levar em sua viagem rumo ao desconhecido. De tempos em tempos, o seu olhar caía sobre o irmão adormecido em um colchão aos seus pés e ela pensava na mãe: será que a mãe se sentira assim ao vê-la adormecida antes de ir embora para sempre? E pior, se lembrou do dia em que havia acordado e a mãe não estava lá para o café, e o pai mandou que ela preparasse tudo e que cuidasse do irmão porque ele tinha que trabalhar. Pedro não tinha nem um aninho naquela época, não se lembrava da mãe. Ela era a mãe de Pedro, sabia. E Pedro estava sendo abandonado pela segunda vez.

Começou a chorar. Tinha sim o sangue aventureiro da mãe, mas tinha também algo de religioso do pai e sabia que era pecado o que estava prestes a fazer.

O seu pranto acordou Fabrícia, que se surpreendeu ao vê-la naquele estado.

- Não acredito! Você tem tudo para ser feliz e fica aí chorando... Se fosse eu, já estava lá, com o cara mais lindo do mundo, indo viver o meu romance em vez de ficar aqui, grudada a um moleque idiota!

- Então vai, Fabrícia, vai! – Letícia atirou-lhe a mochila na cara – Vive o romance e esquece os que te amam no meu lugar. Eu não posso. Eles já foram abandonados uma vez, não merecem isso de novo.

Fabrícia sorriu, animada. Tirou as coisas da amiga e começou a colocar as suas.

- Será que ele vai me querer? – ia falando, mais para si do que para Letícia. – Quando ele souber que você não quer mais nada com ele, talvez eu tenha uma chance! Ah!, eu não sou nenhum monstro! Ele vai me querer...

Pulou a janela e foi-se noite adentro, ao encontro do desconhecido. Letícia deitou abraçada com o irmão e, pela primeira vez na vida, teve consciência do quanto era feliz ao seu lado.

- Mamãe está aqui... Mamãe sempre estará aqui...

UM HOMEM CONTEMPORÂNEO MUITO ESTRANHO

3º Lugar

Thaylana Novaes dos Santos

Ninguém entendia aquele cara. Andava por aí dizendo que amava qualquer um. Às vezes o viam perambulando pelas ruas, elogiando o cabelo das moças e a postura respeitosa dos rapazes, ajudando senhoras idosas e falando que amava a todos.

Ano de 2015, Salvador, Bahia: um louco saía nas praças públicas querendo pregar sobre o amor e o respeito ao próximo, no meio de toda pressa urbana.

Rapidamente, a Bahia inteira já ouvia falar de “um tal de um moço maluco que chegou na capital e fazia baderna”.

Uma vez, estava sentada na praça do Campo Grande, fumando um cigarro qualquer, chorando porque minha família havia me humilhado por não alisar meus cabelos, por querer estudar licenciatura e por querer namorar uma garota.

Chorava e tragava como quem quer esquecer que é sufocada todos os dias por querer ter orgulho e se autorizar a ser você mesmo.

O louco contemporâneo sentou ao meu lado. Perguntou se eu queria conversar e se queria um abraço. Eu chorava e ria sem entender por que um desconhecido, nesse século de maldade, iria querer ajudar uma jovem jogada numa praça histórica. Eu sorri e sequei as lágrimas, aceitei o abraço do estranho e começamos a conversar. Conteí superficialmente toda minha história: estudo, namoro, aparência. O homem pediu desculpa, caso soasse invasivo, pediu permissão para continuar, foi muito respeitoso comigo e me mandou ignorar a opinião deles, fazer o que eu achasse que me faria feliz e retribuir todo aquele conservadorismo com meu amor.

Eu pensei sobre o que o estranho estava dizendo.

– É que a sociedade não anda muito bem, e se criarmos todo um confronto porque não nos aceitam como somos, não estamos colaborando com todo esse ódio que insiste em continuar intenso e vivo nas famílias, nos lares, nas falsas amizades, nas empresas?

– Ele foi retórico: “Retribua todo esse ódio, só que com amor. Tente revelar que pessoas diferentes possuem mentalidades e criações diferentes. O que é aceito agora, nessas evoluções sociais, era um tabu gigantesco antigamente.” Olhei o relógio e percebi que tinha que ir embora.

Agradei pela companhia e pelos conselhos do estranho.

– Qual é o seu nome?

– Eu queria que ele fosse mais que um estranho aleatório nessas praças muitas vezes pouco movimentadas, quando não por um morador de rua.

– Messias. E o seu?

– Raquel.

– Prazer, Raquel. Espero que tudo se resolva! Eu amo você, enquanto irmã. E ele saiu andando.

Foi uma situação engraçada: um cara que eu via pelas ruas, nem sabia aonde ele pertencia, sentou para conversar comigo, aconselhou-me e disse que me amava. Em primeira instância, achei engraçado: nem nos conhecíamos, como poderia haver amor? Ele deveria ser um louco mesmo. Mas, depois, comecei a pensar por outro lado: nesse mundo de tanto ódio, um abraço, uma palavra amiga, um gesto de amor, mesmo que de um desconhecido, não seria uma maneira de começar a revolução do amor? Acabar todo esse caos sentimental que corrói a todos?

No dia seguinte, voltei à praça do Campo Grande. Sentei nas escadarias perto do monumento e acendi um cigarro. O homem, aliás, Messias, estava passando para o lado de trás de onde eu estava e não havia percebido minha presença. O segui discretamente na intenção de talvez acontecer de conversarmos. Ele sentou-se no banco da praça em frente a uma espécie de pequeno rio e começou a abrir um saco que estava em suas mãos. Chamou umas pessoas, que aparentavam morar ali, abraçou-as e retirou coisas de dentro do saco: era comida. Ele levou alimento e amor para aquelas pessoas. Aproximei-me lentamente e acabei sendo percebida.

– Raquel! Sente-se, caso queira. Estava aqui conversando com essas pessoas sobre a maldade no mundo e elas estavam me contando histórias interessantes a respeito da vida delas.

Conversamos. Descobri muitos motivos que levam alguém a viver na rua, que nem todos os moradores de rua são usuários de drogas e que muitos lutam todos os dias para ter o que comer. Descobri histórias sobre aquelas pessoas, dessa vez vistas pelo ponto de vista delas e não de terceiros, cheios de preconceitos. A maioria daquelas pessoas nunca tinha roubado nada de ninguém, mas afirmavam ter tido contato com drogas por não ter outra maneira de fugir de tudo aquilo, mas, se houvesse um jeito, elas tentariam algo diferente, porém acreditavam estar condenados àquela vida, talvez como pagamento pelos pecados da família ou de alguma vida passada.

Messias se apoderou daquelas falas, subiu no banco e começou a pregar o amor. Falou que havia oportunidade para todos, que existiam pessoas boas no mundo que, por meio de projetos, acabariam por ajudar eles a saírem daquela vida de miséria, que eles deveriam se permitir a isso. Ele começou a falar de amor, amor, amor, amor. Não o amor romântico, o amor amor, sabe? Aquele amor que se sente pela mãe, pelo pai, pelo amigo, pelo irmão.

– Viadinho! Um homem passou, gritou isso e riu enquanto Messias falava que amava homens, no sentido do amor amor, mas que também amava as mulheres. Eu quis tomar as dores e confrontar aquele cara.

– Tenha mais amor, Raquel! Não julgue uma pessoa porque ela pensa diferente de você. Assim como você e eu não nascemos como entendedores de amor.

E assim, os dias se passavam. Messias pegou o hábito de sempre ir aos espaços públicos e falar de amor. A fama de esquerdista, gay, feminazi e defensor de ladrão e preto se espalhava. Ele sempre levava comida para os mendigos da cidade, seja do Pelourinho, do Centro, da Piedade, do Campo Grande, da Barra, de Paripe, de Periperi. Ele apoderava-se independente do lugar e pregava o amor e a igualdade, sem citar os processos negativos.

– ...Porque sem amor não somos nada! Sem paz, sem leveza de espírito, somos obrigados a viver dia após dia com um vazio em nossos peitos. Nós, homens, mulheres, brancos, negros, crianças, adultos, jovens, ricos e pobres, sem amor, não somos nada! Amem! Amem! Amem!

Mas ninguém conseguia amar.

Quer dizer, uns poucos se autorizam a entender que ele era só mais um sonhador. Outros gritavam cada vez mais ferozes:

– Viadinho!

– Esquerdopata!

– Homem feminazi!

– Defensor de ladrão! Quando for roubado, vai chamar o Batman?

– Lugar de preto é na cadeia, onde já se viu?

E eu me impressionava com a dimensão que os discursos de Messias tomaram. Salvador inteira o conhecia, alguns concordavam com seus ideais, outros o repugnavam e distorciam suas palavras. Eu sempre acompanhava seus discursos, nos encontrávamos em alguma praça e conversávamos antes de ele sentir-se pronto para falar sobre o que pensava para quem quisesse ouvir. E me fascinava aquele homem, o amor mais puro que alguém poderia ter. Ele era meu melhor amigo impulsivo. Aquele que se levantava no meio da multidão e falava o que queria.

Messias chegou até as mídias. A Bahia inteira o conhecia. O Brasil inteiro ouviu falar do seu nome. Muitas pessoas, admiradas com os discursos dele, o imitavam pelo país afora. As praças começaram a ser tomadas pelo amor: casais, amigos, mães e suas filhas e filhos, pais e suas filhas e filhos, avós e seus netos e netas, todos paravam para ouvir os seguidores do Messias que gostavam de pregar sobre o amor citado por aquele homem.

Os políticos temiam o que podia acontecer, extremistas de esquerda achavam que ele estava querendo protagonizar todas as lutas, extremistas de direita achavam que ele era mais um louco de esquerda, famílias conservadoras tinham medo do que tais palavras poderiam induzir seus filhos adolescentes a fazer: as pessoas temiam uma revolução.

Porém, quando alguém se torna como uma gota que cai na água parada e causa todo um reboliço, eles dão um jeito de acalmar as coisas. Eles dão um jeito de oprimir o que não os agrada.

Messias sumiu, eu esperei pelo pior. Seus seguidores apanhavam da polícia toda vez que se apoderavam de um espaço público para falar sobre amor. Eu me vi sozinha, sem chão e sem o amor puro de Messias.

Um dia, recebi uma ligação para reconhecer um corpo. Foi achado, na calça que o homem vestia, sua identidade e um papel molhado com meu número, por algum motivo.

Eu fui reconhecer o corpo.

E não consegui conter minhas lágrimas ao perceber: Jesus voltou, e o crucificamos de novo.

Lua Menezes

ANTOLOGIA

Poesia, conto, texto de teatro e crônica

TEXTO DE TEATRO

A SEREIA SERENA
1º Lugar
Denise Antunes do Amaral

Personagens:

Pescador

Sereia Serena

Boi de Conchas

Tartaruga Cabeçuda

Algas Marinhas

Peixes

Cenário:

Um mar ondulado cobrindo todo o palco, uma canoa no centro, uma pedra na lateral direita, quase ao fundo.

Início:

(Um pescador à noite, na canoa, em pé com uma rede na mão, olhando para o céu. Ilumina-se bem o pescador, deixando o cenário ao fundo escuro. Oculta pelas sombras a pedra).

Pescador: Ó Lua, minha amiga, vai pra trás daquela nuvem só um bocadinho que eu preciso jogar a minha rede no mar pra pegar uns peixinhos. Eu tenho uma mulher e cinco filhinhos! E todos eles são pequenos, os diabinhos... O mais velho tem sete e o caçula não tem nem um ano ainda! Eu preciso fazer bom arrasto, pra vender na praia, pra venderem na peixaria. Mas se eu não pego peixe, não vendo, não vendem na peixaria e ninguém compra. Se ninguém compra, o dinheiro fica parado, desvaloriza e todo o país fica pobre! E eu não vou ter o que dar pros meus filhos, ninguém vai ter o que dar pros filhos deles e o Brasil não vai pra frente! Vamos lá, dona Lua, pelo Brasil, vai...

(Diminui-se a luz sobre o pescador).

Pescador: Obrigada, amiga Lua, sabia que a senhora se importava com o Brasil! Bem que me falaram que Deus é brasileiro! Acho que São Jorge também é, apesar de que, pra mim, parece mais um coelhinho estudando do que um cavaleiro matando um dragão com uma lança. Bom, não interessa! Ao trabalho!

(Pescador joga a rede. Enquanto isso se ilumina um pouco a pedra, e de trás dela aparece a sereia Serena).

Serena: Não vai pegar nenhum peixe hoje, amigo pescador.

Pescador (olhando para o céu): Lua? Não sabia que a Lua falava! Diz aí, Dona Lua, é tatuagem de um cavaleiro ou de um coelhinho aí na sua barriga? Sim, porque não dá pra ver direito hoje, que é lua nova, mas na cheia eu fico confuso.

Serena: Eu não sei! Eu não sou a lua. Pensa que sou branca e manchada de roxo como ela? Eu não! Sou linda, bronzeada...

(Ilumina-se a pedra, e a sereia sentada nela).

Pescador: Mãe de Deus! Por todos os santos, não me enfeitiça, mulher! Não canta não!

(Pescador tapa os ouvidos).

Serena: Pode destapar os ouvidos, amigo pescador! Eu não enfeitiço homens para matá-los afogados depois. Isso foi calúnia de um português safado que levou o fora de uma sereia! Se bem que a Mãe D'água e a Iara, elas sim, têm, às vezes, esse costume bizarro...

(O pescador destapa os ouvidos)

Serena: Mas comigo pode ficar sossegado, eu não estou interessada em alguém que já tem tantos filhos pra pagar pensão. Só vim dizer que não adianta fazer arrasto hoje, não vai pegar um mísero peixinho...

Pescador: Mas por quê, meu Deus do céu!?! O que aconteceu? Pra onde foram os peixes?

Serena: Uma traineira gigantesca passou por aqui há quase uma hora e levou todos eles.

Pescador: Levou meus peixes? E vai vender tudo! E todo mundo vai comprar! E o dinheiro vai circular que nem carro do ano na Br! O Brasil vai crescer... Só eu não vou ter o que pôr na mesa para os meus filhos comerem! Dona sereia, será que a senhora podia mudar de ideia e cantar para me afogar só desta vez? Acho que vai ser melhor do que voltar para casa sem peixe algum.

Serena: Dona sereia? Por acaso pensa que sou alguma senhora dona de casa, como a mãe dos seus filhos? Pois fique sabendo que sou muito nova para me casar! E também não sei se quero, mas isso não vem ao caso. Estou penalizada por você e quero ajudar, mas, se vamos continuar essa conversa, é bom saber o meu nome, pescador. E o meu nome é Serena.

Pescador: Muito prazer, sereia Serena. O meu nome é...

Serena: Não me interessa o seu nome! Pra que eu ia querer saber o seu nome? Você é um pescador, o que pra mim já é o bastante!

Pescador: Está bem, eu não gosto muito do meu nome mesmo... Mas o que me interessa é o que você disse: vai me ajudar?

Serena: Vou! Mas antes eu preciso chamar um amigo. Me espere aqui, amigo pescador. Eu vou ao fundo do mar buscar meu amigo e já volto!

A sereia pula para trás da pedra. Diminui-se a luz que ilumina a pedra.

Pescador: Sereia Serena... Será que ela vai me ajudar mesmo? Não tenho escolha, vou ter que esperar. Ai, Lua, bem agora que eu queria ter alguém para conversar, você se esconde ainda mais atrás dessa nuvem...

(Diminui-se a luz sobre o pescador).

Escurece o palco. Tira-se a canoa e a pedra.

(Fundo musical.)

DANÇARINA DAS ÁGUAS, SEREIA BAILARINA
AGITA AS ÁGUAS TRANQUILAS
DANÇA BALÉ NA PISCINA
NO SEU BALÉ TÃO ENSAIADO
ENCANTA E RODOPIA
COM SEU NADO SINCRONIZADO

Entram as Algas esverdeadas, fazendo movimentos com braços e pernas. Depois se deitam no chão.

(Entra a sereia. Ilumina-se a sua caminhada pelo palco).

Sereia: Boi de Conchas! Ó Boi de Conchas! Onde você está meu amigo? Será que foi para outro pasto junto com um rebanho de peixe-boi? Mas as algas marinhas aqui estão ainda tão verdinhas... Será que foi ver uma corrida de cavalos-marinhos? Tomara que não, ou ele vai perder todas as conchas do corpo em apostas!

(Entra a tartaruga cabeçuda, bem rápida e alegre).

Cabeçuda: Querida sereia Serena, como vai?

Sereia: Muito bem. E melhor agora que você apareceu, amiga tartaruga Cabeçuda. Estou à procura do Boi de Conchas, que andava sempre por este pasto de algas, brincando comigo, até ontem. Hoje, que eu preciso da ajuda dele o safado sumiu! Por acaso você, que é tão rápida, não pode me ajudar a procurar por ele?

Cabeçuda: Posso e não posso. É que estou indo para a praia desovar meus filhinhos. Você sabe, sou mãe zelosa! Lembro do dia em que quebrei a casca do meu ovo e, recém-nascida, vi o brilho do mar pela primeira vez... Nunca me esqueci daquele dia, nem daquela praia, e para lá volto agora, depois de ter viajado quase o mundo todo, para que meus filhos nasçam no melhor lugar do mundo, como eu!

Sereia: Cuidado, Cabeçuda! Tem muita praia que agora não é mais deserta. Construíram casas e até poste de luz elétrica que fica acesa à noite e é mais forte que o brilho da lua refletido no mar. Se você desovar numa praia dessas, seus filhinhos podem ser atraídos para a terra ao invés de irem ao seu encontro.

Cabeçuda: Fique tranquila, amiga. A minha praia é protegida pelo TAMAR.

Sereia: Sendo assim, tudo bem. Mas e o Boi de Conchas? Vai ajudar a procurar ou não?

Cabeçuda: Sim e não. Como eu disse, sou mãe zelosa! Estou indo para a desova, mas se eu o encontrar pelo caminho, digo que você procura por ele e que venha encontrá-la aqui no pasto de algas.

Sereia: Ai, que remédio! Mas e se você não se encontrar com ele?

Cabeçuda: Digo para quem eu encontrar pelo caminho que você procura pelo Boi de Conchas no pasto de algas! Alguém deve saber dele afinal, o mundo é redondo! Por mais longe que se vá, sempre se volta ao ponto de partida. Até logo, amiga!

Sereia: Até logo, Cabeçuda! Não se esqueça de dar o recado a todos que encontrar em seu caminho até a praia!

(Sai a tartaruga cabeçuda).

Sereia: Filosofia de tartaruga... “Por mais longe que se vá, sempre se volta ao ponto de partida”! Isso para quem tem boa memória, como ela, e se lembra do primeiro dia em que nasceu. Eu não me lembro nem do que comi no almoço! E, por falar em almoço... Estou com pena daquele pescador, com mulher e cinco filhos famintos em casa, esperando por ele. É bem

capaz de comerem ele cozido com pirão de banana verde se não trazer nada hoje, de arrasto! Ah, mas, se o Boi de Conchas não me ajudar, eu afogo o pescador! Melhor se afogar do que ser comido com pirão de banana verde!

(Entra o Boi de Conchas).

Boi de Conchas: Melhor se afogar do que ser comido! Eu também penso assim! Foi isso que eu fiz e aqui estou, lépido e fagueiro, pastando livre no meu campo de algas!

Sereia: Boi de Conchas! Mas como estou feliz em vê-lo! Encontrou-se com a tartaruga Cabeçuda?

Boi de Conchas: Não. Mas encontrei um cação que tinha encontrado uma sardinha que tinha encontrado a tartaruga Cabeçuda. E o cação me disse que estava no campo de algas uma sirene pedindo uma barracuda pra mim. Como sou curioso, vim saber do que se tratava e aqui estou. Amiga sereia Serena, você sabe de alguma coisa?

Sereia: Sei! Que sardinhas e cações têm tanto cérebro quanto uma ostra! O recado era o seguinte: tem uma sereia no campo de algas, pedindo a sua ajuda! E a sereia sou eu, Serena. E preciso da sua ajuda para ajudar certo pescador que vai virar cozido de gente com banana verde se não trazer um bom arrasto para vender na praia.

Boi de Conchas: Ajudar um homem? Depois do que o meu dono quis fazer comigo, nunca! Antes ele cozido com banana verde do que eu ensopado com batatas!

Sereia: Ora, mas isso já foi há tanto tempo, amigo! Agora não se mata mais um bozinho bonitinho do pasto como você. Agora eles já criam só para matar, aos montes, que não tem carne que chegue! Derrubam florestas pra fazer pasto, pra criar boi engordado com ração cheia de hormônio, para ficar enorme num instantinho e num instantinho morrer e ser vendido em caminhões de frigorífico. Você não corre mais perigo, pois faz parte do passado, como esse pescador e sua humilde canoa. Por isso é que você deve ajudá-lo: ele é um dos únicos que ainda se lembram da sua história. Se ele morrer cozido, você morrerá no esquecimento.

Boi de Conchas: Você acha que nós vamos ser esquecidos se ele morrer?

Sereia: Nós não, só você! As sereias já caíram nas graças da mídia e se tornaram seres míticos superpopulares.

Boi de Conchas: Está bem, você me convenceu! Não quero morrer no esquecimento. O que vamos fazer?

Sereia: Vem aqui.

(Ficam bem juntos. A sereia fala ao ouvido do boi).

Sereia: Vamos fazer o seguinte...

(Saem cochichando).

(O palco escurece. Saem as Algas. São recolocadas a canoa e a pedra).

(O pescador está sentado na canoa, pouco iluminado. A rede está estendida à frente da canoa).

Pescador: Amiga Lua, eu estou tão triste e sozinho... Deixa essa nuvem de lado e apareça para me fazer companhia!

(Aumenta a luz sobre o pescador).

Pescador: Obrigado pela atenção, minha amiga do céu. Sabe? Eu já fui senhor de tantas terras... Quer dizer, meu pai era dono de toda a praia da enseada! E naquela época não tinha ali nem hotel nem pousada, só o nosso ranchinho onde guardavam as canoas e a nossa casa, com o galinheiro e um cafezal no fundo. Vovó fazia café e adoçava com cana. Café de cana, a gente chamava. Dona Maria das Dores Antunes fazia benzedura que curava tudo, e remédio com chá de ervas. Agora construíram um monte de hotel ao redor do nosso terreiro. O meu pai vendeu tudo o que era dele por um dinheiro que não valia nada! Fizeram hotel com piscina, os burros! Na beira da praia, os meninos ricos brincando engaiolados que nem na cidade! Gente rica não sabe ser feliz...

(Ouve-se ao fundo um leve toque de tambores).

Pescador: Ai, Dona Lua! Agora estou ficando maluco! Estou começando a ouvir coisas.

(O som aumenta. Entram os Peixes dançando e batendo palmas ao som dos Tambores da Fazenda. Circulam a canoa. A sereia e o boi entram por último e começam a cantar no ritmo do jongo).

SEREIA DA HISTÓRIA AJUDANDO O PESCADOR CANTANDO PRA PEIXINHO ENTRAR NA REDE, QUE HORROR 2x

(Um casal entra dançando na rede e fica com os pés presos. Se abaixam e entra um novo casal de peixes dançando).

TEM COISA NA HISTÓRIA QUE LIVRO NÃO CONTA NÃO
PRINCESA ISABEL ERA “XONADA” NUM NEGÃO 2x

(Mais um casal é pego na rede. Assim entram todos, casal após casal, ao som do jongo que se repete).

SE O PESCADOR NÃO PESCA A VIDA COMO É QUE É?
COZIDO COM BANANA E COMIDO DE “COLHÉ” 2x

(A rede repleta de peixes, a música para).

Sereia: Amigo pescador, aí está o seu arrasto! Pode voltar para casa descansado, você não vai ser comido com pirão de banana verde.

Boi de Conchas: E não se esqueça de contar a minha história para os seus filhos, para eles contarem para os filhos deles, que é para eu não morrer no esquecimento!

Pescador: Não vou esquecer, meus amigos! Muito obrigado por tudo.

Sereia: Até algum dia, amigo pescador!

(A sereia vai para trás da pedra).

Boi de Conchas: Até algum dia, amigo pescador! Não esqueça da minha história!

(O boi vai para trás da pedra).

Pescador: Até algum dia, amigos! Eu não vou esquecer o que fizeram por mim. Se vocês não existissem, eu morreria de fome com a minha família!

(Apaga-se a luz que ilumina a pedra. O pescador começa a puxar a rede. Alguns peixes vão entrando na canoa).

Pescador (olhando para o alto): Mas que noite, amiga Lua! Pena que, quando eu contar, nem a minha velha vai acreditar! Vai parecer história de pescador...

Dusa Lusa

UM AMOR DE PASSARINHO

2º Lugar

Uirá de Freitas Alves

(Passarinho cantador)

CENA I - INTRODUÇÃO – PASSARINHOS

[Trio de atores, junto com músico, tocam e cantam canção popular “Periquito Maracanã” *]

TODOS – Periquito maracanã, cadê sua Iaiá (2x)

Ela vai pulando

Ela vai cantando

Ela vai dançando até chegar

Eu plantei um pé de lírio na cacimba de beber

Com sentido nas meninas deixei o lírio morrer

Eu joguei meu lenço branco na menina da janela

O lenço caiu no chão e eu caí no colo dela

Eu fui lá não sei aonde para visitar alguém

Sai de lá não sei como, saudoso não sei de quem

O fogo nasce da lenha, a lenha nasce do chão

O amor nasce nos olhos, vai viver no coração

Menininha bonitinha, boquinha de pão de ló

Eu rodei o mundo inteiro e não achei outra melhor

*“Periquito Maracanã”, “Morena” e “Moreninha” são canções populares de domínio público e já foram registradas em diversos trabalhos de folcloristas e pesquisadores: Angélica de Rezende Garcia, *Nossos avós contavam e cantavam* (1949), p. 51; Veríssimo de Melo, *Rondas infantis brasileiras* (1953), p. 261; Zaide Maciel de Castro, *Jogos e rondas infantis* (1956), p. 76.

NARRADOR – Dizem que o Brasil é o país do futebol e do carnaval. Mas temos pra nós que o Brasil é o país dos passarinhos! Sabia que tem pra mais de quinhentas espécies de passarinhos por aqui, tudo nossos compatriotas? Tem Asa-Branca, Mutum, Jacu, Jaó, Saracura, Gralha, Bem-te-vi, Pintadinho, Curió...

ATRIZ – Tem ainda Araçari, Uirapuru, Saíra, Quero-quero, Socó...

TODOS – Tucano, Tuiuiú, Periquito, Tiê, Andorinha, Chitãozinho e Chororó!

NARRADOR – E isso é só o começo. Se eu te contar todos os passarinhos daqui que eu conheço...

ATOR – Tem Anu, Araruna, Tico-tico, Sabiá, Tiriba, Arrabio, Tesourinha, Chora-chuva, Carcará...

NARRADOR – Tem Arara, Ararajuba, Jandaia, Topetinho, Saíra, Biguá...

ATRIZ – Sem contar a Ema, Batuíra, Rolinha, Acauã, Corujinha...

NARRADOR – Pica-pau, João chique-chique, Maracanã. Beija-flor, Vite-vite, Gaivota, Papagaio, Formigueiro, Anacã...

ATRIZ E ATOR – ahã!! Mas...

NARRADOR – Mas... Além de todos esses referidos, tem um que é o nosso preferido! Não por seu canto, que não é lá um primor, tampouco pela sua plumagem, que é quase toda da mesma cor. Mas por causa de seus costumes que são uma prova de amor. O seu nome é:

TODOS – João-de-barro!

NARRADOR – O grande construtor. Ele vive com sua parceira pela vida inteira. Fazendo um ninho bem arquitetado, todo feito de barro. E, quando o casal decide mudar de bairro, deixa a casa arrumadinha para outro pássaro. Uma casinha bio-construída, com sofazinho de barro, janela, fogão à lenha...

ATOR – [Interrompendo] Pois agora que ele já está apresentado...

ATRIZ – Vamos para a lenda Guarani...

NARRADOR – Que conta como esse passarinho surgiu por aqui. E para começar logo essa história, sem mais demora.

ATOR E ATRIZ – Finalmente!

NARRADOR – Eu passo de narradora a ave canora. E para entoar esta lenda de amor é só contar:

TODOS – Um, dois e três!

CENA II - O ENCONTRO E A CAÇADA

[Jaebé, um caboclo com roupas modernas e ginga no andar, entra em cena para apresentar um número com músicas na flauta pífano.]

JAEBÉ – Boa tarde, pessoal! Meu nome é Jaebé, sou artista de rua desde que nasci. De ascendência guarani, foi com minha bisavó que aprendi muito do que sei por aqui. E assim como a cultura Guarani, a tradição da arte de rua é milenar e democrática. Não tem que pagar ingresso! Todos podem assistir. Então pode ficar à vontade... Se você quiser sentar, senta. Se quiser ficar de pé, fica. Só me dá uma licencinha aqui... que eu vou deixar o meu chapéu ali... Por que junto com a arte de rua, tem a tradição do chapéu. Então o público que quiser contribuir, sinta-se à vontade. Antes, no meio ou depois do espetáculo. Vem quando sentir e põe um trocadinho aqui. E agora, sem mais demora, uma música vamos ouvir.

[Jaebé começa a tocar flauta. Passarinho aproxima-se apitando empolgado. Jaebé cumprimenta-o e os dois tocam uma música alegre e acelerada. Finalizada a música, os dois agradecem.]

JAEBÉ – Palmas para o passarinho! Uma participação especial diretamente do céu! [Dirigindo-se ao passarinho.] Obrigado, passarinho! [Os dois se cumprimentam e o passarinho sai de cena.] Palmas!

JAEBÉ – Continuando nossa apresentação, depois de um passeio aéreo, vamos agora para uma música das profundezas. Essa eu aprendi com minha bisavó, que ouviu da tia-avó dela, que escutou da vizinha, que cantava pra filha da concunhada, que aprendeu com o próprio Tupã... E pra não deixar ele bravo, por favor, o silêncio vamos ouvir. [Jaebé cria clima de suspense.] Atenção! Que essa música é mágica, e pode transformar vidas.

[Jaebé começa a tocar música. Passarinho escuta, se empolga e toma a cena apitando alto.]

JAEBÉ – Eheh... [Constrangido com empolgação do passarinho.] foi legal, né..? Mas agora já passou passarinho... [Gritando.] Respeita Tupã, rapaz! Tô tocando uma música especialmente pra ele! Assim você vai deixar ele bravo! Bico calado, passarinho... por favor né?

[Enquanto Jaebé briga com Passarinho, uma índia caçadora vai entrando em cena com arco e flecha armada. Passarinho consente a pedido de Jaebé e vai saindo de cena. Jaebé volta a tocar música enquanto Passarinho vê índia apontando a flecha para a ave. Passarinho foge e se esconde atrás de Jaebé, porém, de olhos fechados, o caboclo não percebe o que está acontecendo. Então Passarinho começa a apitar para chamar sua atenção e Jaebé para de

tocar novamente irritado.]

JAEBÉ – Pô, Passarinho, de novo!

[Passarinho faz gestos para o Jaebé olhar pra trás. Este vira-se e se assusta com a índia apontando a flecha para ele. Passarinho sai de cena, indo para o meio do público. Jaebé levanta as mãos a índia pede silêncio e reclama.]

MORENA – Tô caçando!

JAEBÉ – Ué... to tocando!

[Morena aponta flecha incisivamente para Jaebé.]

JAEBÉ – Mas você tá caçando gente?!

MORENA – Não, passarinho. Você viu um passarinho por aí?

JAEBÉ – ... é... passarinho?... [Tentando ajudar o amigo e despistar a caçadora.] Não sei, não vi. Deve estar por aí!

MORENA – Por aí? [Perguntando para o público] E vocês? Viram algum passarinho?

[Passarinho começa a brincar com o público e, sem perceber, chama atenção da caçadora, que vai em sua direção, saindo de cena e indo no meio do público.]

JAEBÉ – Ai, Passarinho besta! [Percebendo que caçadora está com o Passarinho na mira Jaebé decide ajudar o amigo e começa a tocar música na flauta para chamar sua atenção.]

[Passarinho voa para perto do Jaebé e apita animadamente. Morena aparece em seguida.]

JAEBÉ – Quietos, Passarinho! Ela tá te caçando!

[Passarinho faz gesto para Jaebé olhar pra trás. Jaebé vira-se e vê a índia apontando a flecha novamente para ele. Sem perder tempo, o caboclo volta a tocar a flauta de pífano. Com dança de caboclinho, Jaebé fica tocando entre Passarinho e Morena. Morena fica tentando ter Passarinho na mira de sua flecha, mas a ave fica se escondendo atrás de Jaebé. No ritmo da música, os três vão trocando de lugar. A música começa a acelerar e Morena aos poucos vai ficando acuada pela provocação dos dois, até que a índia perde a paciência, quebra o arco e começa a chorar. Jaebé para de tocar e, apesar de comovido, tenta continuar a apresentação. E em pausa do choro de Morena, Jaebé fala ao público.]

JAEBÉ – É isso aí pessoal, quem quiser contribuir, o chapéu tá... [Morena

volta a chorar. Percebendo que não vai conseguir continuar com a índia chorando, Jaebé volta-se a ela.] Moça, a gente tava no meio de uma apresentação, e...[Morena volta a chorar mais alto.] Ó moça, desculpa, mas você tá espantando o público, e eu tô... [Morena chora aos berros. Jaebé desiste de continuar a apresentação e vai saindo de cena, Passarinho, que estava comovido, até então apenas olhando o desenrolar das coisas, não deixa Jaebé sair e o empurra para falar com Morena. O caboclo reluta em falar com a índia, mas acaba cedendo à insistência do pássaro.]

CENA III – APAIXONAMENTO

JAEBÉ – Calma, calma moça... Porque você tá chorando? Era só uma brincadeira.

MORENA – Porque eu estava perseguindo o passarinho, daí ele fugiu, eu quebrei meu arco, perdi o passarinho... [Se dando conta de que Jaebé é o culpado.] Você provocou tudo isso!

JAEBÉ – Eu?!... Mas pra que você quer pegar o passarinho? Deixa ele com suas cores livres no céu. Tão bonitinho!

MORENA – Por isso que eu quero ele. Quero ficar bonita. Quero me enfeitar com as penas do passarinho. Hoje é um grande dia e eu preciso ser a índia mais bonita!

JAEBÉ – Ah, você deve ter uma festa pra ir... Por que não disse logo? Pode deixar que eu vou te ajudar! [Ele tira um perfume da bolsa.] Isso daqui é ótimo pra festas... [Espirra um pouco nele mesmo.] Perfume parisiense, melhor que Chanel! [Espirra um pouco nela.] Vai deixar tudo...

MORENA – Eu tô fedida! Não fiquei bonita! [Assustado, Jaebé guarda o perfume na bolsa.]

JAEBÉ – Calma, calma... isso é só pra começar. Tem mais aqui...[Retira da bolsa uns grandes óculos laranja exibindo-os ao público.] Esse daqui é um item italiano exclusivo. [Coloca os óculos no rosto da índia.] Tem proteção contra raios UVA, UVB, UV...

MORENA – Nossa! Mas tá tudo laranja! Eu tô laranja! Ele tá laranja! [Olhando para o passarinho.] Não quero! Não serve! [Tirando os óculos do rosto e devolvendo para Jaebé, que guarda os óculos na bolsa.]

JAEBÉ – Tudo bem, o melhor eu guardei pro final. [Tira um chapéu da bolsa e vai colocando ele na cabeça de Morena enquanto fala.] Esse produto tem design panamense. O melhor enfeite para uma festa. Além de elegante

também protege... [Passarinho começa a rir de Morena. Ela fica nervosa, e tira o chapéu da cabeça com raiva.]

MORENA – Feio! Estou feia! [Ela começa a chorar.]

JAEBÉ – Calma, moça! Não chora! Você já é bonita assim, não precisa chorar.

MORENA – Mas eu preciso de um enfeite. Não posso chegar assim na festa! [Volta a chorar.]

JAEBÉ – Calma, calma... eu vou cantar uma música pra gente se acalmar e poder pensar melhor, tá bom?... [Fazendo gesto para o músico.] Aquela lá.

“Morena quando me olha
Não olha pra mim chorando
Por causa desses seus olhos
Ando no mundo penando” *

[Durante música, ao som do violão, Morena vai se acalmando. Os dois começam a dançar. O Passarinho se empolga e entra na dança. Ao final da terceira repetição da letra, Jaebé arranca algumas penas do pássaro e entrega a Morena. A música para. Morena, feliz com o enfeite que tanto desejava, vai agradecer ao caboclo e ao pássaro.]

MORENA – Obrigada! [Agradece ao caboclo] Obrigada passarinho! [Agradece ao passarinho com um beijo no rosto. Enquanto coloca o enfeite de penas no cabelo, Morena não percebe que Jaebé tenta cumprimentá-la.]

JAEBÉ – Sou Jaebé, muito prazer. [Estendendo a mão para cumprimentar a índia.]

[Como Morena não responde, Jaebé volta atrás e olha pra própria mão tentando entender por que ela não o quis cumprimentar. Distraído, o caboclo se assusta quando a índia estende a mão para cumprimentá-lo.]

MORENA – Ixé, Morena. [Sem graça com o susto, Jaebé cumprimenta Morena.]

JAEBÉ – Morena, ficou bem bonito o enfeite em você.

MORENA – Poranga!

JAEBÉ – Poranga?... Você é Tupi?

MORENA – Sou, por quê? Algum problema?

JAEBÉ – Não, imagina problema algum, eu sou de ascendência Guarani, mas conheço um pouco da cultura Tupi também.

MORENA – Ah é... e o que é que você conhece da cultura Tupi? [Morena pergunta desconfiada.]

JAEBÉ – Bom, eu sei que na cultura Tupi as matas, os rios e toda vida são muito importantes para sempre se ter comida para caçar, pescar e colher, [Fazendo mímica de que está comendo] tembi'u. Além disso, os sinais da lua, das estrelas e de todos os seres são preciosos também. Eles nos guiam, mantêm o equilíbrio, dão alegria e beleza à vida, [Fazendo referência ao enfeite da índia] poranga. Sei também que, para o povo Tupi, é muito importante levar sempre consigo o respeito e o amor, [Olhando para a índia] saûsub.

[Os dois ficam envergonhados, mas, apesar de sem graça, trocam olhares.]

MORENA – Saûsub?...

[Depois de um tempo se entreolhando timidamente.]

JAEBÉ – Escuta, Morena, você já tem um acompanhante pra essa festa?

MORENA – Acompanhante?... um me'emgaba? [Pergunta a Jaebé com um gesto de mãos entrelaçadas.]

JAEBÉ – Me'emgaba, o que isso significa? [Pergunta para o público.] Sim, claro! Posso ser seu Me'emgaba, se você quiser. [Responde para Morena mesmo sem entender o significado.]

MORENA – Meu me'emgaba?... [Ela confirma com Jaebé.] Meu noivo... [Compartilha com o público sua surpresa e excitação.]

JAEBÉ – Ah...Seu Me'emgaba! [Responde confiante para Morena] O arco da sua flecha!... A oca da sua taba!... [Jaebé compartilha com o público com ar galanteador. Então vira-se para beijar Morena, mas ela, distraída, caminha em direção ao público e deixa Jaebé no vácuo. Ele se ajoelha e, entregando seu coração a Morena (tecido vermelho que é usado durante a dança do casal) começa a cantar ao som do violão.]

"Moreninha, se eu te pedisse
de modo que ninguém visse...
de modo que ninguém visse..."

um beijo tu me negavas?

Moreninha, se eu te pedisse
de modo que ninguém visse...
um beijo tu me negavas
Ou davas? Ou davas?

Moreninha, se eu visse o mundo
da janela dos teus olhos...
da janela dos teus olhos...
O mundo seria um doce.

Moreninha, se eu visse o mundo
da janela dos teus olhos...
O mundo seria um doce...
Se fosse... se fosse." *

[Ouvem-se sons de atabaques, Jaebé e Morena vão para um canto da cena enrolados no tecido.]

MORENA – Meu pai!

CENA IV – SAÛSUB

[Entra Cacique, com máscara e roupa de palha, e toma a frente da cena.]

CACIQUE – Ko'engatu, apyaba! Tĩaté, Ixé Morubixaba kúé suí. Kó xe taba. Xé kagûaíba, Xe mba'ekugûab, Xe angatu, ixé aba-etê. Kó xe membykunhã porang... Abápe aé, Xe membykunhã? [Tradução do tupi antigo para português: “Bom dia! Atenção! Eu sou o cacique daqui. Esta é minha comunidade. Eu sou bravo, herói, sábio, esperto, tenho alma boa, sou bom, honrado, sincero. Esta é minha filha... Filha? Quem é ele?!”]

MORENA – Aé Jaebé.

JAEBÉ – Opá, Jaebé sou eu!

CACIQUE – Jaebé?

MORENA – Se me'emgaba.

CACIQUE – Me'emgaba???

JAEBÉ – Morena, eu não tô entendendo nada e aposto que o público também não. Será que não dá pra falar português, por favor?

CACIQUE – Você falou que?...

MORENA – Quero me casar com ele, pai!

CACIQUE – Casar?!

JAEBÉ – Casar???...

CACIQUE – Você quer que ele seja seu me'engaba? [Examinando Jaebé]

MORENA – Me'engaba! [Repete gesto de mãos entrelaçados feito na cena anterior.]

JAEBÉ – Me'engaba... [Fazendo o mesmo gesto de mãos entrelaçadas que Morena havia feito para ele na cena anterior e entende o significado da palavra.]

CACIQUE – Seu noivo? Mas ele é um besta como aruá, minha filha!

JAEBÉ – Besta como aruá?!...

MORENA – Não, pai, ele é um eté.

JAEBÉ – Eté?! Isso eu sei o que significa, [para o público] não é o que vocês estão pensando não. Não é E.T. Em Tupi eté quer dizer sincero, honrado! E eu sou mesmo honrado, sincero, com certeza! [Jaebé repete gesto feito por Morena e reflete.] Me'engaba... Bom, ela já tem meu coração... Eu falei pra ela... É, nada acontece por acaso... [Jaebé se dirige decidido ao Cacique.] Com licença seu Morubixaba, eu...

MORENA E CACIQUE – Ixé.

JAEBÉ – ...estou...

MORENA E CACIQUE – Imbé.

JAEBÉ – ...estou muito...

MORENA E CACIQUE – Imbééé...

JAEBÉ – ...saûsub sua filha!

CACIQUE – Saûsub!? [Cacique desmaia, mas é amparado pela filha.]

JAEBÉ – Eu vou saúsub todo dia a sua filha!

CACIQUE – Saúsub? [Cacique desmaia novamente, mas é amparado pela filha]

JAEBÉ – É que saúsub é bom demais!

[Cacique desmaia novamente, mas desta vez Morena corre para abraçar Jaebé e o velho cai. Ao perceberem, os dois ajudam a levantá-lo.]

CACIQUE – E você sabe lá o que é saúsub?

JAEBÉ – Claro que sei! É amar! Não é?

CACIQUE – É, mas pra casar com filha minha não basta amar. Não adianta nhenhém! Tem que provar ser eté, ratã, ka’amondoara. E depois tem muitos guerreiros com essas qualidades e que também querem casar com minha filha [Pega a Morena pelo braço e vai fazendo uma brincadeira com o público.] Esse aqui é etê! Dá pra ver que é moço bom, digno. E este aqui, é muito ratã! Você não é ratã, rapaz? Com essa força toda podia trazer muita caça! Este aqui deve ser um bom ka’amondoara! Você é um bom caçador? Vem aqui então que vamos descobrir. Se for, casa com filha de grande morubixaba. Pois hoje é o dia da grande festa, onde o melhor homem daqui vai casar com a minha filha. Quem mais quer participar da disputa pra saber quem é o melhor partido pra filha de grande morubixaba? [Pajé escolhe duas pessoas do público. Jaebé se inclui na disputa, mesmo sem consentimento do Pajé que reclama, mas acaba aceitando.] E agora, antes da prova acontecer, minha filha vai explicar como vai ser.

CENA V - A DISPUTA

MORENA – E a caça vai começar! Cada um dos guerreiros aqui presentes deve pegar um animalzinho por vez e levar até o seu cesto. Tem que ser rápido viu, Jaebé. Quando acabar a música quem tiver o maior número de animais será o grande vencedor.

[Músico toca enquanto os guerreiros caçam os animais. Quando todos os animais forem caçados, o músico grita “Parou!” e a música para. Cacique conta os animais no cesto de cada participante. O cesto de Jaebé permanece vazio e um espectador ganha a disputa.]

CENA VI - PROVA DE AMOR

CACIQUE – Então, este é o grande vencedor!! Parabéns, meu genro!!

[Cacique cumprimenta espectador e faz perguntas para o participante enquanto a atriz arruma o espaço cênico. Tudo arrumado, Cacique chama Morena.]

CACIQUE – Filha, este é o seu me'emgaba!! [Morena começa a chorar. Cacique sem graça dispensa pretendente e tenta consolar a filha.]

MORENA – Pai, eu sei que Jaebé é um pouco tolo, atrapalhado, não é forte, nem sábio, nem... [Jaebé interrompe Morena constrangido.] Mas ele conquistou meu coração e é com ele que eu quero me casar! [Os dois se olham apaixonados.]

CACIQUE – Mas ele perdeu a prova, ele não tem qualidade de chefe e de guerreiro. É um aculturado!

JAEBÉ – Opá, aculturado não! Eu posso não seguir a tradição à risca como você, mas isso é uma escolha minha. Respeito as tradições, mas apesar de ser fruto de várias culturas, preservo a essência do povo indígena comigo. Não sou menos que você, nem que ninguém aqui, por causa disso.

CACIQUE – É verdade, mas ...

MORENA – Meu pai, é com ele que eu quero me casar. Se não for por suas qualidades que seja pelo seu amor.

CACIQUE – Amor?

JAEBÉ E MORENA – Amor!!!

CACIQUE – Amor... Se for amor, ele terá que fazer prova de amor verdadeiro. Saûsub eté!!!

MORENA – Saûsub Eté!? [Assustada.]

JAEBÉ – Saûsub Eté??? [Sem entender o significado.]

CACIQUE – Saûsub Eté, seu besta como aruá! A grande prova de amor!

MORENA – Mas, pai, como se prova o amor? O amor não tem explicação. [Para o público.]

JAEBÉ – Eu posso dizer que a batucada cardíaca em que me encontro prova toda a paixão que sinto, pois o coração quase sai pela boca e fico arrepiado do dedinho do pé até o último fio de cabelo.

CACIQUE – Mas isso pode ser aflição ou puro medo...

MORENA – Então, como se prova o amor? [Ela pergunta para o Cacique.]

JAEBÉ – Eu posso fazer longas juras com a mão no peito em tom oficial. Escrever poesias de amor e publicar livros, compor canções, serenatas, singles... anunciar na tv, internet, facebo...

CACIQUE – Mas isso são só palavras, e palavras são ariscas.

MORENA – Mas como se prova o amor? [Ela pergunta para Jaebé.]

JAEBÉ – Será que se prova como fruta desconhecida? Tateia, cheira, saboreia até chegar na semente... [Vendo Jaebé se aproximar muito de Morena, o Cacique o interrompe. Jaebé se distancia um pouco e continua falando.] Para dela fazer seu chão, criar raiz, expandir folhas, crescer árvore, colher frutos!!! [Jaebé pega Morena no colo e vai saindo de cena. Cacique interrompe bravo e os separa novamente.]

CACIQUE – Chega de nhenhenhem! Desde que o Sol é Sol e a Lua é Lua, para fazer prova de amor verdadeiro é preciso mergulhar no couro de uma anta. E lá ficar, sem comer, nem beber, sem ver a luz do dia nem a sombra da noite. Viver somente de amor por sete dias!

MORENA – [Para Cacique.] Mas o último morreu no 5º dia!... [Para Jaebé] Jaebé, você não precisa provar nada.

JAEBÉ – Se é preciso provar aquilo que em mim habita, isso tudo que já é tanto, volto ao barro que fez de mim homem para que o amor molde em mim sua vontade. Dando asas ao nosso amor para juntos desbravarmos o céu, e o ninho que não desmanche, para construirmos nossos sonhos. [Os dois acabam abraçados e quando vão se beijar, Cacique interrompe.]

CACIQUE – Pode entrar!

MORENA – Vai dar tudo certo, Jaebé! Nosso amor é verdadeiro. [Jaebé entra no tecido que compõe o cenário no fundo do espaço cênico, saindo de cena e da vista do público.]

CENA VII - A TRANSFORMAÇÃO

NARRADOR – A jovem apaixonada chorou e implorou ao Deus Lua que mantivesse vivo aquele que havia conquistado seu coração de modo tão simples e arrebatador, o jovem Jaebé. O tempo foi passando, e certa manhã a filha pediu ao pai:

MORENA – Já se passaram 5 dias, não o deixe morrer como os outros, eu lhe imploro, pai!

NARRADOR – O pai disse que ele foi arrogante, invocou as forças do amor, por isso ele precisará ficar os sete dias.

NARRADORA – E assim foi, até a última hora do último dia, quando enfim o pai ordenou que libertassem Jaebé.

NARRADOR – O couro da anta foi aberto e o jovem foi saindo lentamente de seu cativeiro. [Ator com máscara de João-de-Barro, asas e roupa de fitas vai saindo do cenário lentamente, movimentando-se como um passarinho que acabara de nascer.] Seus olhos brilhavam feito estrelas cadentes correndo no céu, sua respiração era forte e exalava um cheiro doce, como perfume de amêndoas e flores, sua expressão parecia ter uma luz mágica e misteriosa.

NARRADORA – Todos se espantaram mais ainda quando viram que seu corpo tinha cores e formas estranhas. [Pássaro abre as asas.]

NARRADOR – O jovem pôs-se a cantar como um pássaro, e exatamente naquele momento os raios do luar tocaram Morena. Estranhamente, a bela guerreira foi transformando-se. [Atriz que interpreta Morena entra entre as fitas coloridas das asas do pássaro.]

NARRADORA/MORENA – E como um espelho d'água reflete em seu leito a imagem da lua, Morena viu em si os traços do seu amor, e sentiu em seu coração a certeza de que eram feitos da mesma matéria, comooringas moldadas do mesmo barro. [Durante essa fala a Morena vai explorando cada fita da asa do pássaro e aos poucos vai se descobrindo ave também.]

NARRADOR – Todos aqueles que assistiam ao espantoso evento, quando deram por si, perderam de vista o jovem casal, que num sopro mágico despontaram no céu em voo magnífico, como dois belos passarinhos brincando apaixonados entre as copas das árvores. [Com a música ao fundo, casal de pássaros vai explorando o espaço cênico juntamente, voando enquanto a narração continua em crescente.] E a prova do amor que uniu esses dois jovens, com uma força tão grande que superou a própria morte, é

contada até hoje para explicar o cuidado e o carinho com que o João-de-barro, esmero passarinho, cuida de seus filhotes e constrói seu ninho.

[Ao final dessa narração os três atores dançam e cantam, ao som do violão, até o encerramento do espetáculo.]

“Quando o amor
invade a gente
estremece o corpo, alegre a alma
nos faz transformar

Todo João de Barro
É a prova que o amor
Nos dá asas
pra poder voar

Sobe rodeia
Desce e gira
Se balancei
Brincando por todo lugar

Todo João de Barro
É a prova que o amor
Nos dá asas
pra poder voar”

ANTOLOGIA

Poesia, conto, texto de teatro e crônica

CRÔNICA

VESTIDO
1º Lugar
Fatima Aparecida Carlos de Souza Barbosa dos Santos

Um convite para ser madrinha de casamento pegou-me de surpresa. Um belo envelope em papel manteiga, todo bordado com rococós de picada de agulhas, embalava a missiva em minhas mãos.

Anexo um simpático lembrete: “Todas as madrinhas usarão vestidos na cor azul-piscina”.

Que disparate! Todo mundo sabe que eu não costumo usar vestido. Que diferença faz se o vestido é azul-piscina, azul-turquesa, azul sei lá o que o diga. Eu não uso vestido.

Não, mas querem ver sangue!

A última vez que experimentei um vestido e pedi a opinião de minha sobrinha menor, ela me comparou com a bonecona que acompanha a dança do boizinho. E ainda disse mais: - O botijão de gás da mamãe tem um vestido bem parecido com esse.

Criança não mente. Criança observa e faz comparações. Elas têm um radar em lugar de cérebro. Captam tudo.

Mesmo assim, teve um momento em que me vi dentro de um vestido azul-piscina, saltitando sobre um campo florido como A Noviça rebelde, estrelado pela Julie Andrews. Teve uma hora que até volitei! Num flash, caí de cara quando olhei de novo o envelope com o convite e me dei conta de que era um casamento, não um filme da Twentieth Century Fox

No dia marcado, lá estava eu no altar testemunhando os noivos. Altiva, soberba, elegante, maquiada, sob um salto número quinze e com o vestido azul-piscina.

Escondendo todas as sobras, estava um macacão, cinta elástica, comprada a prestação nas Casas Pernambucanas.

Tortura? Tortura foi para pagar depois.

Alecrim

FESTEJO NA CADEIA

2º Lugar

Waldir Capucci

A velha rua comercial, hoje, em nada se parece com a dos meus tempos de infância e adolescência. Desfigurada, poluída visualmente, com agências bancárias, comércios de importados contrabandeados e ambulantes ocupando as calçadas, em nada lembra aquela das fábricas de meias, comércios familiares, transeuntes comportados e residências cujos moradores, à noite, colocavam cadeiras nas portas das casas para conversas animadas com vizinhos, sem nenhum risco de assaltos.

Um único prédio, o da Cadeia Civil, mantém as características originais e é um primor da arquitetura, lindo cartão postal do município. Perdeu o muro fronteiro e as altas grades que evitavam fugas de presos, mas se destaca aos olhos das pessoas, estejam a pé ou motorizadas. Tenho dele uma lembrança inesquecível, que ocorria sempre nas quartas-feiras de cinzas, a partir do meio-dia, e que sempre considerei como o espetáculo mais burlesco da cidade. Particpei pela primeira vez em 1961, mas recordeo como se tivesse acontecido hoje. . .

Como era tradição, foram colocados em liberdade os encarcerados durante os dias de carnaval. Infiltei-me na multidão para ver os presos, todos trajando as mesmas roupas que usavam quando da detenção. O motivo do recolhimento era variado, desde brigas domésticas a furtos de galinhas e roupas de varais, mas a grande maioria o era por perturbação pública motivada por bebedeira.

Para divertir a plateia, foram liberados inicialmente os índios, com fantasias resumidas a tangas com calções por debaixo e cocares com penas multicoloridas. Depois, os “cowboys”, com roupas esdrúxulas tentando imitar os filmes americanos. Na sequência os fantasiados de Zorro, Sargento Garcia, Tarzan, Carlitos e outros personagens populares.

Depois, diversos caricatos como palhaços, piratas, médicos, arlequins, pierrôs, macacos, cangaceiros e outros tantos. A bagunça foi contagiante e o grande momento ficou para o final, é claro. O encerramento trouxe os fantasiados de presidiários e travestidos de mulheres. A algazarra foi total com aplausos, assovios e gritos.

Finda a festa, ficou o gosto de quero mais e a vontade que o ano seguinte chegasse logo. E assim ocorreu; fui galardoado por assistir por bom tempo o cerimonial cômico, sempre com o povaréu presente. Tornei-me participante constante daquele farrancho e uma das vozes ativas do motejo coletivo.

Tudo mudou com o passar dos anos. O edifício sofreu reformas, está de pintura nova, conservado e muito bem cuidado. Quanto a mim, também sofri intervenções internas em consequência das cirurgias de hérnia,

amígdala, vesícula, tireoide e apêndice, mas a carcaça precisa de uma boa manutenção. Pensando bem, o antigo prédio, apesar de mais velho, está bem melhor que eu. Conservo intacto o bom humor, cultivado desde aquela época da soltura dos presos.

Décadas se passaram, mas vez por outro meu coração (ainda sem qualquer intervenção cirúrgica) insiste em cutucar o cérebro para lembrar das tantas pessoas, fatos e histórias saudosas. E chego a me aborrecer por ter crescido.

Ah! Como eu vivia feliz quando morava naquela rua!

Que vontade doida de ser moleque de novo!

UMA CRÔNICA DE NATAL

3º Lugar

Valquiria Sperandeo

Indignada ao acordar, não encontrei nenhuma bebida na geladeira.

- “Porra! Tomaram tudo, até meu vinho Francês”.

Tomaram, era modo de dizer, pois eu e minhas filhas tomamos todas. Poxa, nenhuma latinha, nem mesmo aquela que eu escondi na geladeira, no meio das verduras. Sabe aquele cantinho embaixo de algumas verduras? Pois é, sabe-se lá se fui eu mesma, que, sabendo do tal esconderijo, detonei a latinha.

Saí sedenta procurando algum bar aberto. Como dizem que Deus protege as crianças e os bebuns, me vejo feliz da vida, sentada, tomando meu diferenciado café da manhã, no dia 25 de dezembro, na única padoca aberta do bairro.

Aos primeiros goles, já me sentia super à vontade para registrar tudo a minha volta. E nada me esperava.

Pessoas entravam e saíam, a maioria tomando vitamina e comendo gordurosos sanduíches. Acho que eu era a única tomando uma bela cerveja, às 10 horas da manhã do dia 25 de dezembro.

Pessoas continuavam entrando na padaria, com suas roupas novas de Natal. As mulheres com suas pernas muito brancas de cera, e os homens de bermudas e tênis novos, presentes de Natal.

Dois garotões passaram na rua. Um sem camisa, e o outro com uma boina muito elegante, porém estavam bem loucos. Notei que o sem-camisa tinha na mão uma garrafa de água. Menos mal, estavam gastando onda, tentando voltar ao normal.

Pessoas continuavam passando pela calçada com suas roupas novas de Natal. E eu continuava com meu vestido de ontem todo respingado de vela do Natal. Já na minha segunda cerveja, com minha caneta esferográfica rosa e um olhar implacável.

Um casal de chineses entrando na Padaria, me impressionou. Muito elegantes. O homem parecia bem doente, porém mantinha uma dignidade. O homem parecia bem doente, porém mantinha uma dignidade. A mulher muito lindinha com um chapeuzinho de palha com uma fita ao redor, enfeitando, e uma sandália com um saltinho transparente. O mais notável é que quando saíram, após tomarem uma vitamina, se despediram de todos com um aceno. Já na calçada, ele tomou a direção errada, o que a mulher corrigiu imediatamente, e ele elegantemente, seguiu seu rumo.

Já na minha segunda cerveja, arrisquei um papo rápido com três garotões que pediram uma cerveja. Porém retornei a minha caneta esferográfica e a minha câmera ocular, que a tudo registrava.

Uma figura que entrou e que realmente não tinha como definir, mas vou tentar. Um rapaz com uma peruca com luzes piscando, e um não sei que pendurado no pescoço. Ele também estava com roupas novas de Natal, a peruca com certeza, e um chinelo havaiana azul.

Acabei de descruzar minhas pernas, que notei estarem cruzadas desde que cheguei. Porém nada me incomodava. Me sentia poderosa com minha caneta esferográfica rosa e meu vestido de Natal respingado de vela.

Passei a notar que todos que entravam me cumprimentavam, ou eu é que cumprimentava a todos, considerando íntimos personagens da minha crônica de Natal.

Olha só quem me aparece. Uma moça com uma cestinha com três gatinhos bebês. Já sentada em minha mesa, me contou que estava indo para Trindade, em Paraty, e conhecia amigos meus que moravam lá. Que figura! Veja você, em outra época, estaria pronta para embarcar nessa viagem. Ela ia ficar no Cachadaço. Um paraíso. Porém, voltando à real, e, apesar da minha segunda cerveja de café da manhã, o meu pé estava fincado no chão.

Acabei minha cerveja, e, pela minha velha experiência, estava na hora de voltar para casa. Estava à vontade demais, e isso sabia que era um problema. A partir daquele momento, minha intimidade com as pessoas era total. Todos, ao entrarem na padoca, me cumprimentava, e eu ficaria cada vez mais disponível.

Pessoas de todos os tipos continuavam entrando e saindo. Todas com suas roupas novas de Natal, e eu com meu vestido respingado de vela e minha caneta esferográfica rosa.

Fui embora, antes que me envolvesse em alguma furada.

